

■ CAPÍTULO 4 ■

AS VIRTUDES EM AGOSTINHO E TOMÁS DE AQUINO

O objetivo central do presente capítulo é apresentar alguns elementos da ética de virtudes cristã, principalmente, como ela aparece na obra de Agostinho e Tomás de Aquino. Não se trata, por conseguinte, de estudar o cristianismo enquanto religião e seus fundamentos teológicos, mas apenas alguns aspectos de seu conteúdo ético.

4 AS VIRTUDES EM AGOSTINHO E TOMÁS DE AQUINO

É claro que muitas concepções éticas desenvolveram-se entre o final do período clássico grego e o início do domínio da ética cristã no mundo ocidental, isto é, antes que o imperador Constantino declarasse o cristianismo a religião oficial do Império Romano. Destacamos, aqui, o neoplatonismo que através de Plotino influenciou as próprias concepções filosóficas platônicas de Agostinho. Nas *Eneadas*, Plotino sustenta que as formas platônicas são **emanações** do Uno. O Bem é transcendente e é identificado com Deus. Para Plotino, assim como para Agostinho, a virtude não é mais considerada a sua própria recompensa, mas será um meio para o estado da beatitude. Radicalizam-se também as idéias platônicas de desprezo das coisas materiais, dos prazeres sensíveis e acentua-se o idealismo moral segundo o qual o único bem humano é a pura existência intelectual da alma. A felicidade completa, a beatitude, só será possível na vida pós-morte, como dirá Agostinho, na *Cidade de Deus*.

4.1 AGOSTINHO: O AMOR COMO BASE DA ÉTICA

Agostinho, que na sua juventude juntou-se primeiro a escolas dogmáticas (maniqueísmo) e depois abraçou o ceticismo, viveu a conquista de Roma, *a cidade dos homens*, pelos Visigodos e assim viu a decadência do ideal clássico grego-romano. A razão não parecia ser mais suficiente para guiar a procura pela vida boa, pela felicidade, como pensavam os filósofos pagãos clássicos.

Como Wetzel coloca (1992: 86s), em Agostinho temos “o luto à sabedoria”. O conhecimento não proporcionava certeza; no máximo, probabilidades. Somente a fé, isto é, a crença unida à confiança, à esperança, pode trazer certezas morais. Desse modo, Agostinho é o primeiro grande pensador a tentar compatibilizar a razão grega com a fé hebraica. Suas reflexões sobre a liberdade de escolha, por exemplo, do pecado original de Adão, originou um novo conceito, a saber, a **vontade** que será posteriormente tematizada por Anselmo e Abelardo, mas infelizmente não poderemos tratar deles aqui. Agostinho, por conseguinte, pode ser considerado um dos primeiros pensadores propriamente ocidentais, se por “filosofia ocidental” entendermos a união entre a razão grega e a fé judaico-cristã.

Sem esquecer da vida moral e religiosa retratadas autobiograficamente na obra *Confissões*, o que por si só já tem valor moral quando pensamos a partir de uma ética de virtudes, temos que destacar ao menos duas das principais contribuições de Agostinho para a ética filosófica. Primeiro, procurando conciliar fé e razão, Agostinho reinterpreta, em *Sobre a Moral da Igreja Católica*, as virtudes dessa forma:

“Sustento que a virtude é nada senão amor perfeito a Deus... A temperança é amor doado inteiramente àquilo que é amado; a fortaleza é o amor disponível a todas as coisas com vistas ao objeto amado; a justiça é amor servindo somente o objeto amado e, portanto, governando corretamente; a prudência é o amor sábio escolhendo aquilo que favorece e rejeitando o contrário. O objeto desse amor é nada, senão Deus, o bem supremo, a mais alta sabedoria, a perfeita harmonia.” (Agostinho 1948: 331-2)

As excelências gregas são assim reinterpretadas em função da fé judaico-cristã. As virtudes cardiais gregas, expressão devida ao mestre de Agostinho, Ambrósio, que por sua vez baseou-se no *De officiis* de Cícero, são assim cristianizadas. Por conseguinte, as virtudes cardiais só possuirão valor moral se baseadas na fé cristã e no amor agostiniano. Sem discutir todas as mudanças das virtudes gregas, cabe ressaltar, todavia, que não se trata mais da coragem tal como ela é personificada em Aquiles por Homero na *Ilíada e Odisseia*, mas da fortaleza, da firme determinação de cumprir os mandamentos divinos. Finalmente, o amor é a base de todas as virtu-

A voluntas inclui tanto elementos emotivos quanto cognitivos, ao contrário da divisão entre paixões e razão.



Santo Agostinho (354 - 430)
Vitral em St. Augustine,
Flórida, Estados Unidos da
América.

des em Agostinho e, como veremos a partir de Tomás de Aquino, será entendido como caridade (*caritas*). Na verdade, o amor é para Agostinho, por assim dizer, a única virtude cardial.

A segunda grande contribuição de Agostinho é, então, realmente cristianizar a ética colocando o amor na sua base. Talvez sua ética possa ser simplesmente resumida no seguinte princípio: *Ama, et fac quod vis* (ama e faz o que queres). Esse amor nasce tanto das necessidades do eu quanto dos outros, dos amigos, mas encontra em Deus seu “objeto” último. Para entendermos melhor esse ponto, precisamos mencionar a transformação da moral judaica feita por Jesus de Nazaré e complementada por Paulo.

A revolução moral feita por Jesus de Nazaré consiste basicamente na introdução do amor como base do relacionamento moral humano. Perguntado sobre qual seria o maior dos mandamentos, Jesus respondeu:

‘Ama o senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente.’ Este é o primeiro e o maior mandamento. E o segundo é este: ‘Ama o teu próximo como a ti mesmo.’ Toda a lei e os profetas se resumem nesses dois mandamentos. (Mateus 22: 37-40)

É necessário lembrar que amar ao próximo, para Jesus, inclui, contrariamente aos mandamentos do Antigo Testamento que foram integralmente citados na introdução, amar os inimigos (Lucas 6-35). Essa é, certamente, a maior reforma que Jesus empreendeu da moral judaica.

O apóstolo Paulo, um dos mais atuantes cristãos no Império Romano, ajudou a universalizar os ensinamentos de Jesus. Numa passagem por Atenas, confrontou os próprios epicuristas e os estóicos questionando o valor dos prazeres e da sabedoria. Lembrando que estava escrito que Deus destruiria a sabedoria do sábio, sustentou que “a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria do homem.” (I Coríntios 1:19). No Tanak (Bíblia hebraica), a relação entre fé e sabedoria é complexa: por um lado temos a fé de Abraão que exigia sacrificar seu filho inocente a Deus, o que parece loucura se visto sob uma perspectiva racional (Gênesis 15s); por outro, a decisão de Salomão sobre a verdadeira mãe do filho disputado (Reis 3:16s) e

os versos de Eclesiastes sobre o tempo das coisas, entre outros, são expressões de sabedoria. Após pregar o “Deus desconhecido” como sendo o criador do mundo e Jesus como sendo o *Cristo*, o redentor através do qual ressuscitaremos após a morte, Paulo fez alguns discípulos mesmo em Atenas. Mas a base da ética paulina é certamente o amor: Paulo diz expressamente que dentre a fé, a esperança e o amor, o maior é o amor (I Coríntios 13:13). O amor é paciente, cuidadoso, nunca falha. Para Paulo, mesmo que falássemos todas as línguas dos homens e dos anjos, sem amor, nada seríamos.

Voltando agora a Agostinho, é claro que o amor, base das virtudes, é condição da felicidade, assim como pensavam os gregos, mas a verdadeira beatitude não pode ser alcançada nesse mundo por nenhum indivíduo. Esse sempre foi um dos principais ensinamentos do cristianismo. Em Agostinho, torna-se claro que sem amor na sua mais pura forma (ágape, não eros), o entendimento do mundo e dos outros não é possível. No livro terceiro das *Confissões*, Agostinho introduz uma seção sobre **a moral e os costumes** nos seguintes termos:

“Em que tempo ou lugar será injusto que ‘amemos a Deus com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com toda a nossa mente, e que amemos o próximo como a nós mesmos’? Por isso as devassidões contrárias à natureza sempre e em toda parte se devem detestar e punir, como o foram os pecados de Sodoma. Ainda que todos os povos as cometessem, cairiam na mesma culpabilidade de pecado, segundo a lei de Deus, que não fez os homens para assim usarem de si.” (Seção 8)

Como podemos notar, o amor agostiniano é a-temporal, não-carnal, direcionado a todos os outros seres humanos e a Deus. É através do amor que se chega à verdade e à bondade e, por conseguinte, à realização plena da existência. Por isso, mesmo se deixamos de lado a parte teológica dos ensinamentos de Agostinho, sua ética permanece solidamente fundada no amor.

A história de *Abelardo e Heloisa* ilustra, talvez como nenhum outro caso na filosofia medieval, o significado de uma ética baseada no amor. Quando Abelardo foi mutilado aos 38 anos, ele era um renomado professor de filosofia, famoso não apenas pela sua dialética, mas também pela sua castidade. Abelardo, todavia, abando-

Se possível, assista o filme de *Stealing Heaven* “Em nome de Deus,” sobre Abelardo e Heloisa.

nou todas as convenções para viver secretamente o seu amor pela jovem estudante Heloisa, então com 17 anos. A intensidade desse amor está relatada nas cartas que ambos escreveram um ou outro. Entretanto, quando o guardião de Heloisa, a saber, Fulbert, descobriu o caso, reagiu violentamente, mas os amantes continuaram a se encontrar. Mais tarde, quando Abelardo soube que Heloisa estava grávida, casou-se secretamente e fez Fulbert prometer segredo para proteger a sua reputação. Mas Fulbert quebrou a sua promessa e, embora Heloisa jurasse que era mentira que estavam casados, Abelardo enviou-a a um convento para protegê-la. Fulbert, então, interpretando o ato como tentativa de Abelardo de livrar-se de Heloisa, castrou-o. Posteriormente, Abelardo tornou-se monge e Heloisa freira. Quando Abelardo escreveu a sua *Historia calamitatum*, deixou a sua vida, a sua história como exemplo. Assim como as *Confissões* de Agostinho, a história de Abelardo é ética baseada no modelo de vida, moral inscrita na própria biografia. Abelardo simplesmente desejou que, através de seu exemplo, cada um pudesse viver a sua própria história.

Eis alguns trechos da correspondência entre Abelardo e Heloisa:

“Fujo para longe de ti, evitando-te como a um inimigo, mas incessantemente te procuro em meu pensamento. Trago tua imagem em minha memória e assim me traio e contradigo, eu te odeio, eu te amo.” Carta de Abelardo a Heloisa.

“É certo que quanto maior é a causa da dor, maior se faz a necessidade de para ela encontrar consolo, e este ninguém pode me dar, além de ti. Tu és a causa de minha pena, e só tu podes me proporcionar conforto. Só tu tens o poder de me entristecer, de me fazer feliz ou trazer consolo.” Carta de Heloisa a Abelardo.

Mesmo depois de se tornar padre e continuar a escrever sobre temas filosóficos e teológicos, a vida de Abelardo foi marcada por dificuldades similares. O seu escrito *Scito te ipsum* (Conhece a ti mesmo) é considerado um dos textos mais importantes da ética medieval. A contribuição de Abelardo é clara. Definindo a moral como **“os vícios ou virtudes da mente que nos torna propensos a boas ou más ações”**, Abelardo coloca a *intenção* no centro da Ética. O bem ou o mal não está no desejo, na vontade, no ato ou

no prazer. O bem ou o mal está na intenção. Por conseguinte, os desejos, o prazer etc. não devem ser condenados em si mesmos. Novamente, aqui, Heloisa está presente (não apenas em espírito, mas de fato continuou em contato com Abelardo), pois sua ética é conhecida como “**a ética do amor puro**”. Em ambos, então, o valor moral da intenção sobrepõe-se aos próprios atos. Abelardo, finalmente, enfrentou a condenação de seus escritos como heresia pelo papa Inocêncio III, seus livros foram queimados em Roma e ele foi silenciado. Novamente, a sua vida é o modelo ético.

Entre e o neoplatonismo de Agostinho e aristotelismo de Tomás de Aquino, temos que destacar também os trabalhos dos árabes Averróis e Avicena, que preservaram as obras de Aristóteles e tornaram-se importantes comentadores. Não podemos esquecer também dos comentadores judeus da filosofia grega, Filo e Maimônides. Todavia, como afirmamos na introdução, não é possível tratar desses sistemas morais aqui. Mas, claramente, o ocidente jamais seria o mesmo se as obras de Aristóteles não tivessem chegado até nossos dias. A própria filosofia tomista é ininteligível sem elas. Partes importantes da filosofia tomista são comentários a Aristóteles e adaptações à fé cristã. A *Summa contra Gentiles*, de Tomás de Aquino, procura discutir as teses dos filósofos clássicos a partir da razão e mostrar que a fé cristã é mais adequada à filosofia.

4.2 AS VIRTUDES CARDEAIS E TEOLOGIAIS EM AQUINO

A filosofia de Tomás de Aquino é o intento mais completo de compatibilizar a racionalidade grega com a fé cristã. A maneira genial como Aquino consegue essa harmonização depende de sua distinção de quatro tipos de lei:

- i. a lei eterna** (a razão reguladora de Deus);
- ii. a lei natural** (a parte da lei eterna que se relaciona com as criaturas racionais);
- iii. a lei humana** (a lei natural aplicada a comunidades específicas); e,
- iv. a lei divina** (os mandamentos divinos revelados ao homem).



Averróis (1126 - 1198)



São Tomás de Aquino
(1225 - 1274)

O ponto central de sua filosofia moral é, então, o conceito de lei natural, a qual tem sua origem na teleologia aristotélica e em alguma medida na identificação estoíca da razão humana com o logos universal. A sabedoria divina de Deus raciocina por leis eternas e a lei divina é expressão de decretos sagrados como, por exemplo, os 10 mandamentos, citados na introdução. Agora, a lei natural é derivada da lei eterna. Por conseguinte, quando a mente humana raciocina apreendendo a lei natural, ela apreende a lei eterna. É desse modo que as leis eternas da moralidade são acessíveis racionalmente a nós: a lei moral é a lei natural apreendida pela razão. Portanto, as virtudes em Tomás de Aquino, como MacIntyre mostra, “são uma expressão e um meio para a obediência aos mandamentos da lei natural” (1966: 118). Assim temos a *lex et virtus*: a lei judaica e a virtude grega complementando-se mutuamente.

A *Summa Theologiae*, obra prima de Aquino com importantes seções sobre ética, é dividida em três partes: a primeira trata de Deus e a criação; a terceira, de Cristo, enquanto ser divino e humano, caminho para Deus; a parte intermediária é dividida em duas partes: uma trata da felicidade e dos atos humanos necessários para alcançá-la e outra das virtudes. As questões 49-67 discutem o caráter e a função do hábito, a essência, a causa e o objeto da virtude, as diferenças entre as virtudes intelectuais, morais e teologais. Dado que a distinção entre virtudes morais e intelectuais já foram tratadas quando estudamos a ética aristotélica, nos concentraremos aqui nas teologais. Também não trataremos das interessantes discussões de Tomás de Aquino sobre a virtude enquanto *hábito*. É interessante observar a forma dialética da argumentação tomista: feita uma pergunta filosófica, estabelece-se uma tese, por exemplo, a partir da filosofia grega, então uma antítese, por exemplo, bíblica, e Tomás passa a discutir procurando conciliar o aristotelismo com a fé cristã.

É, todavia, importante ressaltar a doutrina tomista do **duplo efeito**, segundo a qual se de um ato se seguirem dois efeitos, um bom e outro mau, o agente deve praticá-lo com a intenção de produzir o melhor.

Antes de discutirmos as virtudes teologais da fé, esperança e caridade em detalhe, vamos apresentar um quadro mais completo das virtudes ditas humanas. As virtudes intelectuais, relacionadas com a parte racional da alma, que podem ser especulativas ou práticas, são tratadas primeiro por Aquino e, seguindo Aristóteles, as especulativas são basicamente a sabedoria (que considera as

causas mais altas e mais profundas das coisas), a ciência (a demonstração de conclusões a partir de princípios) e o entendimento (a qualidade da mente que apreende os princípios). Temos também a prudência (julgamento correto sobre o que deve ser feito) e a arte (julgamento sobre o que deve ser produzido) como virtudes práticas. Já as virtudes morais, relacionadas com a parte apetitiva da alma, são a justiça (as ações pelas quais os outros recebem o que lhes é devido), a temperança (o controle racional das paixões) e a fortaleza (a firme determinação de cumprir a lei moral). Aquino cita também, seguindo Aristóteles, a liberalidade, a magnificência, a amizade etc. como virtudes. Ao contrário de Aristóteles, todavia, Tomás de Aquino considera a prudência tanto como virtude intelectual como moral, diferenciando-a *secundum essentiam e secundum materiam*, uma típica distinção escolástica.

As virtudes morais podem existir sem ciência e sabedoria, mas não sem entendimento e prudência. Aliás, todas as virtudes são uma espécie de agir prudente, um agir de acordo com a reta razão (*recta ration factilium*) e em conformidade com a natureza das coisas. Não se trata da prudência num sentido pejorativo de precaução excessiva, de timidez, de covardia racionalizada ou até mesmo de caústica. Ao contrário, a virtude da prudência é a obediência à regra, ao justo-meio, a partir do qual há extremos. Esse ponto, segundo David Ross, é o que caracteriza também a virtude para Aristóteles e para Aquino: “obediência a tal regra é a virtude moral” (*op. cit.* p. 215).

Por outro lado, as virtudes intelectuais podem existir sem as virtudes morais, exceto a prudência. Agora, tanto as virtudes intelectuais quanto as morais são adquiridas e aperfeiçoadas pelo hábito, ou melhor, pelos bons hábitos, pois maus hábitos formam vícios. Note que Tomás de Aquino também sustenta que existem virtudes cardeais, a saber, a prudência, a justiça, a temperança e a fortaleza e que estas incluem tanto virtudes intelectuais quanto morais. Tais virtudes são essenciais para o caráter moral de uma pessoa.

As virtudes teologais distinguem-se tanto das intelectuais quanto das morais por não serem adquiridas pelo hábito e por serem mais perfeitas, pois são infundidas em nós por Deus. Além disso, elas não se relacionam com a felicidade humana, mas com a beatitude, com uma felicidade sobrenatural. Na realidade, elas são virtudes

Lembrando o dilema de Eutifron, Aquino ao sustentar que “bom” significa ordenado por Deus, subscreve a posição metaética conhecida como voluntarismo teológico.

supra-humanas, divinas, no sentido de serem *ordenadas* por Deus, princípio primeiro e último de todas as coisas. As virtudes teológicas são reveladas por Deus, tanto na Tanak (Eclesiastes 2:8), quanto no Novo Testamento (Coríntios I, 13:13). A seguir, comentaremos brevemente cada uma delas.

A fé parece ser uma virtude intelectual, mas menos perfeita, pois é um tipo de conhecimento incompleto sobre coisas que não são vistas. Todavia, dado que a fé é uma virtude sobrenatural e implica a crença na verdade que é **revelada** por Deus ou descoberta pela razão natural, a fé é perfeita. A fé vai além da mera sabedoria natural ou da própria filosofia e implica no conhecimento de Deus. As **vias** para “provar” a existência de Deus podem ser conduzidas pela razão (por exemplo, a partir da ordem natural do mundo), mas é a fé que ultimamente nos dá a certeza e a compreensão do incompreensível, por exemplo, da unidade da trindade (Deus-Pai, Cristo-Filho e o Espírito Santo são um mesmo Deus). Por isso, nenhum esforço pelo hábito ou pela disciplina humana pode levar à fé. Antes de tudo, a fé é a crença na verdade revelada.

A esperança também parece imperfeita, pois relaciona-se com aquilo que ainda não se tem. Todavia, a esperança é motivada sobrenaturalmente pela própria glória divina e, desse modo, também é perfeita. A esperança é a firme confiança na vida eterna daqueles que seguem os mandamentos divinos e os ensinamentos da Igreja.

A caridade é basicamente entendida por Tomás de Aquino nos termos que Agostinho entendia o amor. Desse modo, a caridade implica amor a Deus e através dele a todas as suas criaturas, ao próximo e a si mesmo. A caridade é, portanto, a virtude mais perfeita, pois resume o próprio ideal cristão do amor sendo a primeira, como veremos a seguir, das virtudes teológicas.

As virtudes teológicas, mesmo sendo supranaturalmente colocadas na alma humana, isto é, são dádivas divinas, operam no intelecto e na vontade de forma harmônica, tendo a fé precedência sobre as outras. Assim como Tomás de Aquino trata Aristóteles como o Filósofo, ele trata Paulo como o Apóstolo, o qual cita, como vimos acima, as três virtudes da fé, esperança e amor, nessa ordem de importância. Sobre a relação entre essas virtudes, Tomás de Aquino assim explica:

“Primeiro, com relação ao intelecto, certos princípios supranaturais sustentados pela luz divina são acrescentados ao homem e essas são as coisas que devem ser acreditadas e dizem respeito à fé. Segundo, a vontade é direcionada a este fim tanto com respeito ao movimento de intenção, o qual vê aquele fim como algo que pode ser alcançado e que pertence à esperança, como também com relação a uma certa união espiritual através da qual a vontade é transformada de certa maneira naquele fim, o que é efetivado pela caridade.” (Questão LXII, Art.3)

Assim, na ordem da **geração**, a fé precede a esperança e a caridade. Todavia, na ordem de **perfeição**, a caridade precede a fé e a esperança. Aquino conclui, então, que a caridade é a mãe e raiz de todas as virtudes (Questão LXII, Art.4).

Resumindo, o quadro de virtudes para Tomas de Aquino é o seguinte:

Adquiridas pelo hábito		Infundidas por Deus
Virtudes intelectuais	Virtudes morais	Virtudes Teologais
Especulativas (sabedoria, ciência, entendimento) e práticas (prudência e arte)	Justiça, temperança, fortaleza, prudência, liberalidade, magnificência etc.	Fé, esperança e caridade

Essas são as principais virtudes da ética cristã, mas há certamente outras. Por exemplo, cabe lembrar que a humildade de Jesus foi constantemente tomada como modelo não apenas pelos apóstolos, mas por muitos outros adeptos do cristianismo. Tanto MacIntyre (1966: 118) quanto Sidgwick (1960: 124) salientam que a humildade é uma virtude cristã fundamental desprezada pelos filósofos gregos (observe no quadro de virtudes de Aristóteles, estudada no capítulo 2, que a humildade é uma falta). Além disso, Sidgwick discute outras virtudes propriamente cristãs: a pureza (de coração); a obediência a Deus e à Igreja, isto é, à autoridade; a alienação em relação às coisas materiais; a paciência e a beneficência (1960: 118-120). Um catálogo completo das virtudes cristãs deveria incluir os diferentes segmentos atuais dessa religião, o que foge aos limites desse trabalho.



Rafael, nascido em Urbino (06/04/1483) - Roma (06/04/1520) - Autor da tela intitulada "Escola de Atenas", pintada entre 1509 e 1510.

A ética cristã tornou-se predominante no período chamado "medieval" até o **Renascimento** dos ideais grego-romanos no início da modernidade. Depois de Aquino, as contribuições de Duns Scotus, Guilherme de Occam, Boaventura, entre outros, consolidaram a ética cristã até que finalmente ela entrou em crise a partir da Reforma protestante de Lutero e de outras que se seguiram. Chega-se, assim, ao início da modernidade. A virtude sobrevive, mas passa a ter um papel secundário. Para Descartes, ela é fortaleza da alma; para Hutcheson e Hume, um sentimento moral; etc. Mas a ética moderna é o tema da disciplina Ética II. Antes de estudá-lo, vale a pena discutir as reabilitações da ética das virtudes feitas atualmente por aqueles que não acreditam que os ideais modernos, iluministas, sejam suficientes para fundamentar a moralidade.

LEITURA RECOMENDADA

Leia a discussão de Tomás de Aquino sobre as virtudes: questões 49-67 da *Summa Theologiae*.

REFLITA SOBRE

- As semelhanças e diferenças presentes na ética de Platão e Agostinho.
- As semelhanças e diferenças presentes na ética de Aristóteles e Tomás de Aquino.
- As contribuições do cristianismo à ética enquanto disciplina filosófica.